

**FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
CURSO DE PSICOLOGIA**

EURES MACHADO JÚNIOR

BENDITA SEJA A LUTA: um paralelo entre direitos humanos na sociedade contemporânea e o universo *The Handmaid's Tale*

**COROMANDEL
2020**

EURES MACHADO JÚNIOR

BENDITA SEJA A LUTA: um paralelo entre direitos humanos na sociedade contemporânea e o universo *The Handmaid's Tale*

Artigo apresentado a Faculdade Cidade de Coromandel como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Ma. Larissa Isaura Gomes

**COROMANDEL
2020**

MACHADO JÚNIOR, Eures

Bendita seja a Luta: um paralelo entre direitos humanos na sociedade contemporânea e o universo *The Handmaid's* / Eures Machado Júnior – Orientadora: Prof.^a Ma. Larissa Isaura Gomes. Coromandel/MG: [s.n], 2020.
16p.: il.

Artigo de Graduação – Faculdade Cidade de Coromandel.
Curso de Bacharel em Psicologia

Direitos Humanos. *The Handmaid's Tale*. O conto da Aia. Mulheres. Psicologia Social. I. Eures Machado Júnior II.

Fonte: Faculdade Cidade de Coromandel - FCC. Biblioteca.

FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
EURES MACHADO JÚNIOR

BENDITA SEJA A LUTA: um paralelo entre direitos humanos na sociedade contemporânea e o universo *The Handmaid's Tale*

Artigo aprovado em 10 de dezembro de 2020 pela comissão examinadora constituída pelos professores:

Orientador:

Prof.^a. Ma. Larissa Isaura Gomes
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Prof.^a Ma. Juliane de Oliveira Silva
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Prof.^a. Dra. Luciana de Araújo Mendes Silva
Faculdade Cidade de Coromandel

BENDITA SEJA A LUTA: um paralelo entre direitos humanos na sociedade contemporânea e o universo *The Handmaid's Tale*

Eures Machado Júnior*

Larissa Isaura Gomes **

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão dos direitos humanos na sociedade contemporânea em paralelo com o universo "The Handmaid's Tale". Objetiva analisar os direitos conquistados pelas mulheres no decorrer da história levando em consideração seus avanços e retrocessos históricos, correlacionando o cenário atual ao contexto da referida série televisiva. De natureza qualitativa, constituiu-se por pesquisa bibliográfica. Os resultados alcançados reafirmam o quanto as mulheres assumem papéis sociais degradantes, impostos e distanciados dos seus direitos e desejos. Isso contrapõe a lógica da universalidade dos direitos humanos e reafirma o quanto a luta pela defesa e garantia dos direitos das mulheres é cotidiana, intensa e incansável. A arte pode ser uma ótima fonte de discussões. A mídia televisiva analisada é exemplo disso. A Psicologia enquanto ciência e profissão possui esse compromisso com a vida humana com a finalidade de que os direitos sejam de fato uma realidade e não uma mera previsão em arcabouços jurídicos, a saber, a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Direitos Humanos. The Handmaid's Tale. O conto da Aia. Mulheres. Psicologia Social.

ABSTRACT

This work presents a discussion of human rights in contemporary society in parallel with "The Handmaid's Tale" universe. It has the objective to analyses the rights won by women throughout history taking into consideration their historical advances and setbacks, correlating the current scenery to the context of the TV series. Of a qualitative nature, it was constituted by bibliographical research. The results achieved reaffirm how much women assume degrading social roles, imposed and distanced from their rights and desires. This opposes the logic of the universality of human rights and reaffirms how much the fight for the defense and guarantee of women's rights is daily, intense and tireless. Art can be a great source of discussion. The television media analyzed is an example of this. Psychology as a science and profession has this responsibility for human life, so that rights are in fact a reality and

* Graduando do curso de Psicologia pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). eures.psicologia@outlook.com

** Mestre em Saúde do Trabalhador pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenadora e Docente do Curso de Graduação em Psicologia na FCC e da Clínica Escola de Psicologia. psicologa.larissa.isaura@hotmail.com

not a mere prediction in legal frameworks, that is, the Universal Declaration of Human Rights

Keywords: Human Rights. The Handmaid's Tale. Women. Social Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A série televisiva *The Handmaid's Tale*, que estreou em 2017, é produzida pelo serviço de streaming americano Hulu e distribuída no Brasil pelo canal de TV pago Paramount. A série é baseada no livro homônimo, da autora canadense Margaret Atwood, publicado em 1985. Mesmo sendo uma obra com 35 anos desde seu lançamento, ela se mostra atual e traz críticas e reflexões relevantes para a compreensão dos papéis esperados para mulher dentro da sociedade na contemporaneidade e da maneira como seus direitos acabam sendo violados em uma sociedade patriarcal, machista e sexista.

O universo distópico em que se passam os eventos da série "*The handmaid's Tale*" apresentam grandes reflexões sobre o funcionamento de uma sociedade cujos direitos humanos não existem. Para uma maior compreensão sobre os Direitos Humanos é necessário compreender o contexto histórico que a população mundial estava enfrentando antes de sua criação. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a sociedade da época se encontrava extremamente impactada com os eventos do maior conflito da história da humanidade em que os nazistas mataram cerca de 06 milhões de judeus nos campos de concentração, além do lançamento de duas bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki pelos EUA.

Para que isso não voltasse a acontecer novamente a então recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) reuniu autoridades do mundo inteiro para a elaboração de um documento chamado Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) com o objetivo de garantir o combate às desigualdades e o respeito à dignidade da pessoa humana. É de suma importância ressaltar aqui que quando se fala de Direitos Humanos, deve-se partir do princípio de que todo e qualquer ser humano têm o direito de gozar desses direitos pelo simples fato de sua humanidade. E que esses direitos devem ocorrer de forma inata, natural, intransferível, inviolável e inalienável. Um direito humano seria um direito moral universal, inerente a todos os homens independente de seu tempo, ou lugar sendo que ninguém poderia ser

privado. Flores (2009, p. 213) traz o conceito de Direitos Humanos da seguinte forma: “[...] o conjunto de processos de luta pela dignidade humana [...]”.

Sendo assim os Direitos Humanos resulta de lutas políticas relacionados a fatores sociais e históricos que retratam valores e anseios da sociedade em determinado período histórico e contexto cultural. Independente de gênero, homens e mulheres deveriam gozar das mesmas condições em termos de educação, política e participação social, porém sabe-se que isso não ocorre.

A Obra de Atwood fomenta discussões pertinentes, trazendo reflexões diante de uma visão crítica que expõe questões sobre a violação de direitos humanos principalmente relacionados às mulheres e outras minorias, algo que tem ganhado cada vez mais atenção levando em consideração o momento em que a democracia mundial vem passando, especialmente no Brasil. Ao longo da vida, a sociedade acaba por determinar que cada indivíduo se aproprie de um papel social. E a função que a mulher assume dentro da sociedade sofre atravessamentos sócio-históricos fazendo com que sua identidade e atuação social, não sejam definidas apenas por aspectos biológicos, mas também por ideologias e pela própria cultura na qual está inserida (PERROT, 2008).

Pinto e Alvarez (2014) afirmam ser importante entender que a mulher acaba se tornando excluída do papel de sujeito histórico. Embora existam referências femininas em fenômenos marcantes da História da Humanidade, sua postura sempre é lembrada de forma passiva como telespectadora, se beneficiando, ou sofrendo diante da ação masculina. A história acaba sendo contada por homens, como se fossem estes seu único autor, sempre propagando uma compreensão social de inferioridade do sexo feminino buscando atender aos interesses masculinos na tentativa de manutenção do poder dentro de uma estrutura social.

Beauvoir (1967, p. 09) afirma que o que configura a conduta feminina é a cultura. É defendendo essa ideia que ela disserta a celebre frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” Dentro da história da humanidade a representação do feminino sempre foi algo plural. As mudanças socioculturais modificaram esse conceito ao longo do tempo, seja desde Eva na bíblia sagrada que faz com seu parceiro cometa o pecado, caminhando pela caça as bruxas no início do século XV, percorrendo pelas históricas do pai da Psicanálise, passando pelas esposas e donas de casa submissas do século XIX, até chegar às mulheres da

contemporaneidade que são independentes e donas de si lutando pelos seus direitos. Colette Soler também traz essa mesma ideia:

A construção do lugar do feminino aponta que [...] tudo o que se diz da mulher seja enunciado do ponto de visto do Outro e mais se refira a sua aparência que a seu próprio ser, permanecendo este como o elemento “foracluso” do discurso. [...] A mulher é uma invenção da cultura, “histórica”, que muda de feição conforme as épocas. (SOLER, 2005, p. 30).

Desde os primórdios da humanidade os papéis sociais a serem exercidos pelos homens e mulheres sempre foram muito bem definidos. Com evolução da sociedade esses papéis também transformam os valores, as normas e o que se espera de cada gênero. Em uma sociedade excessivamente patriarcal, a educação dos filhos acaba introduzindo uma noção de que o homem possui uma postura ativa, desse modo ele é o provedor do lar, enquanto a mulher possui uma postura de passividade com o aprendizado focado na manutenção do lar e da família. Embora a sociedade acabe decidindo o papel social de cada gênero, é possível notar que isso vem mudando ao longo do tempo. Enquanto se espera uma postura passiva das mulheres, ela vem tomando as rédeas de sua própria história e ocupando um espaço primordial dentro da sociedade. A mulher tem buscado seu direito à igualdade, obtendo grandes conquistas como o direito ao trabalho, a educação, ao voto, ao divórcio se tornando escritoras de sua própria história embora ainda haja um grande caminho a percorrer (LIMA et al., 2014).

A obra cuja série televisiva se baseia é do gênero ficção especulativa que traz como função abrigar especulações, provocações e críticas a maneira como funciona a sociedade. O Código de Ética do Profissional de Psicologia apresenta como um dos princípios fundamentais da profissão que “O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.” (CFP, 2005, p. 7). Justificando assim a importância da temática deste trabalho, uma vez que, é de discussão ampla cuja ideia pode se aplicar em inúmeras esferas da vida humana. O objetivo aqui não é propiciar soluções ou mesmo apontar problemas, mas sim trazer uma reflexão sobre a necessidade de analisar de forma consciente e crítica a importância dos Direitos Humanos dentro da sociedade.

O trabalho em tela tem como objetivo analisar dos direitos conquistados pelas mulheres no decorrer da história levando em consideração seus avanços e

retrocessos históricos correlacionando o cenário atual ao cenário da serie televisiva *The Handmaid's Tale*, demonstrando assim que a arte pode ser uma ótima fonte de discussões. O intuito aqui não é “psicologizar” a arte, mas sim apresentar sua contribuição na compreensão dos diferentes processos subjetivos da contemporaneidade. O autor deste trabalho reconhece as implicações sociais da discussão em questão ser levantada por um homem, e de todos os aspectos que podem ser eliciados a partir dessa pesquisa, mas acredita que é preciso dar lugar de fala às mulheres, mesmo que através da interpretação de uma mídia televisiva, e mesmo que pelo discurso masculino. Não há aqui a pretensão de, em qualquer grau, reduzir a feminilidade a aspectos traduzidos pelo universo masculino, mas um convite à discussão e ao lugar de visibilidade.

2 CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

A história se passa em um futuro distópico, em que os Estados Unidos se encontram destruído devido à poluição, o aquecimento global e catástrofes ambientais. A taxa de natalidade cai em 60%, colocando assim a humanidade em risco de extinção. Diante disso uma organização religiosa chamada ‘Filhos de Jacó’, que acredita ser escolhida para fazer com que a humanidade volte ao equilíbrio, planeja um Golpe de Estado a fim de tomar o poder, emitindo ordens para três ataques coordenados. Estes são: o assassinato do Presidente dos EUA com o lançamento de uma bomba contra a Casa Branca, e outros dois ataques simultâneos em que pessoas mascaradas entraram em conflito armado com membros do Congresso e todos os nove juízes da Suprema Corte. O grupo culpabiliza os ataques a fanáticos islâmicos, e o exército declara estado de emergência, em uma gradativa sucessão de poder, eles suspendem a Constituição dos Estados Unidos, dizendo ser algo temporário. Utilizam-se de propaganda religiosa e extremismo para gerar esperança na população e confiança em suas propostas.

Os ‘Filhos de Jacó’, encarregados do governo, criam a República de Gilead, estabelecendo um novo regime militar, totalitário e teocrático, em que apenas os homens possuem acesso à educação e posições políticas, além de benefícios de acordo com sua patente. As mulheres são despidas de sua cidadania e direitos,

tornando-se submissas aos homens, perdendo acesso a propriedades, trabalho e educação.

Para manter sua autoridade o governo passa perseguir e executar qualquer pessoa que possa ser uma ameaça, o que inclui ativistas, membros de outros grupos religiosos, médicos e pessoas LGBTI. Embora algumas mulheres questionem as novas leis, o regime garante que a proposta é tornar o mundo um lugar melhor, admitindo que *“Melhor nunca significa melhor para todos, sempre fica pior para alguns.”* conforme afirma o personagem Comandante Fred Waterford.

A sustentação de tal regime é a aposta que esta organização social seria capaz de reverter o principal problema gerado pelos dilemas ambientais: a queda de natalidade. Em busca de sistematizar tal proposta o governo divide a sociedade, principalmente as mulheres, em torno de sua utilidade e a capacidade de reprodução.

2.1 Castas

Após as mulheres perderem todos os seus direitos, elas são divididas em castas, cada uma com distinta função social. A organização social se pauta na utilização de papéis muito definidos marcados inclusive com a questão do vestuário.

As ‘Marthas’ são mulheres inférteis, que não foram casadas e que cumprem com as obrigações da casa: cozinham e servem as refeições aos patrões, fazem as compras (as ‘Aias’ também podem fazer esse tipo de tarefa) e costumam usar roupas com um tom de verde lavado, com um avental por cima e utilizam lenços na cabeça cobrindo os cabelos.

As ‘Tias’ são algumas das mulheres de prestígio na sociedade e de personalidade agressiva. São as únicas que podem ter acesso a ler e escrever e são responsáveis pelo doutrinação das ‘Aias’. Acompanham as gestantes e fazem os partos, além de presidir algumas cerimônias e executar função de cumprimento de sanções. As ‘Tias’ utilizam roupas de cor marrom, como soldados, e portam bastões de choque presos à cintura para ser utilizado em doutrinaamentos.

As ‘Não-Mulheres’ são aquelas estéreis que descumpriram as novas leis antes da implementação deste modelo social. Geralmente são feministas, ou aquelas que vão contra a religião de Gilead, traidoras de gênero (homossexuais); ‘Aias’ que não conseguem gerar filhos por mais de seis anos podem se tornar ‘Não-

Mulheres'. Elas são mandadas para as colônias, que são áreas agrícolas com exposição à radiação, e geralmente trabalham até a morte. Suas vestimentas são simplórias e sem tingimento.

Ainda existem as 'econoesposas', mulheres de baixa patente na sociedade, que vivem de acordo com o as leis do novo regime, sendo submissas aos maridos, porém não possuindo acesso a conforto. São obrigadas a vestir roupas em tons acinzentados.

As 'Jezebels', que embora não sejam consideradas uma casta de Gilead, são aquelas que se rebelaram contra as novas leis, e a quem é oferecida a escolha de ir para as colônias ou se transformar em prostitutas em um bordel secreto utilizado pelos homens do alto escalão da sociedade. Elas têm acesso a itens proibidos à sociedade como drogas, álcool e maquiagens, e podem ter relações sexuais entre elas. O bordel não é oficialmente autorizado pelo governo, pois viola os valores que Gilead defende, embora seja sancionada 'não oficialmente', pois se acredita que os homens necessitam disso.

Dentre as castas mais presentes na sociedade estão: as 'Esposas' e as 'Aias'. As 'Esposas' são as mulheres do mais alto nível social. São casadas com os comandantes e geralmente são inférteis e totalmente submissas aos maridos. Suas atividades estão ligadas ao tricô e jardinagem (atividades consideradas pela série como 'tipicamente feminina' e ideais ao papel do cuidado e da maternidade). Utilizam roupas em tons de azul turquesa fazendo uma referência à Virgem Maria que recebeu a graça de ser mãe do salvador enquanto ainda virgem.

As 'Aias', por sua vez, são mulheres férteis que infringiram algumas das leis da República de Gilead, como homossexualidade, uso de drogas ou adultério. São tratadas como escravas sexuais responsáveis pela reprodução e perpetuação da espécie, cumprindo assim a maternidade como seu "destino biológico". Elas são levadas aos Centros Vermelhos e lá ocorre uma espécie de treinamento em que passam a não confiar umas na outras e aprendem a ser submissas e obedecer a seus 'donos', ou seja, o comandante a quem são designadas. Vestem-se com vestido solto para que não mostre as curvas do corpo na cor vermelha e capa, além de um chapéu branco com abas longas nas laterais, caracterizando uma espécie de viseira. Quando se tornam 'Aias' essas mulheres perdem toda a sua identidade inclusive seu nome e passam a ser designadas por uma composição que mescla o termo "Of" (preposição "Do" em inglês) mais o nome do comandante a quem foi

entregue. As 'aias' ainda aprendem como se comportar no rito religioso chamado 'A cerimônia', no qual é consumado o ato sexual.

2.2 A cerimônia

A cerimônia ocorre uma vez por mês durante o período fértil da 'aia', é um ritual para que possa conceber crianças. Antes que comece o rito a aia precisa tomar banho e não há escolha em participar ou não. Na cerimônia, todos que moram na casa participam fazendo preces a Deus, para que a casa seja agraciada com a benção de uma criança logo após é realizada a leitura bíblica da passagem do livro de Gênesis que inspirou sua criação.

Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela (GÊNESIS 30:1-6, 1995, p. 42).

Durante a cerimônia, a esposa deve se sentar na cama, e a aia se deita entre suas pernas, com a cabeça em seu abdômen, se colocando no lugar de seu útero, enquanto o homem realiza a relação sexual com esta, em um simulacro de que a relação aconteceria com a Esposa. Não é permitido que o comandante toque a Aia de qualquer forma durante todo o rito, no qual eles permanecem vestidos, uma vez que, o intuito não é a prazer em si, mas a concepção de uma nova vida.

3 UM PARALELO ENTRE DIREITOS HUMANOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O UNIVERSO *THE HANDMAID'S TALE*

Com a mídia e as redes sociais dando voz as mulheres que foram silenciadas durante toda a história da humanidade, a luta pelos direitos das mulheres vem ganhando cada vez mais forças principalmente no atual momento histórico. Infelizmente isso não significa que estes direitos sejam assegurados, diante dos avanços e retrocessos que ocorrem é preciso uma luta constante por parte da sociedade. Nos acontecimentos da série televisiva "The Handmaid's Tale" pode-se observar várias as violações a Direitos Humanos, em especial aos Direitos das Mulheres que são privadas do acesso a direitos básicos a propriedade privada, ao

trabalho e ao dinheiro. Destaca-se ainda a violação à dignidade da pessoa humana, o próprio direito ao nome é retirado das Aias, que passam a ser designadas por uma composição que mescla o termo “Of” (preposição “Do” em inglês) mais o nome do comandante a quem foi entregue demonstrando assim de forma mais extrema a perda do direito de sua própria subjetividade e ao próprio corpo. Offred a narradora da história fala sobre seu corpo e diz:

Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que realmente usei trajes de banho, na praia? Usei, sem pensar, entre homens, sem me importar que minhas pernas, meus braços, minhas coxas e costas estivessem à mostra, pudessem ser vistas. Vergonhoso, impudico. Evito olhar para baixo, para meu corpo, não tanto porque seja vergonhoso ou impudico, mas porque não quero vê-lo. Não quero olhar para alguma coisa que me determine tão completamente. (ATWOOD, 2017, p. 78).

E ainda continua:

A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significa fracasso. Falhei mais uma vez em satisfazer as expectativas de outros, que se tornaram as minhas próprias expectativas. Eu costumava pensar em meu corpo como um instrumento de prazer, ou um meio de transporte, ou um implemento para a realização da minha vontade. Eu podia usá-lo para correr, para apertar botões, deste ou daquele tipo, fazer coisas acontecerem. Havia limites, mas meu corpo era, apesar disso, flexível, único, sólido, parte de mim. (ATWOOD, 2017, p. 90)

A personagem apresenta vergonha do próprio corpo e do que ele passou a significar, visto que esse já não lhe pertence. A dominação de Gilead é centrada na posse do corpo da mulher, impedindo-a de se reconhecer enquanto sujeito. Porém isso ocorre em vários períodos da nossa história, em 1941 a participação das mulheres em esportes como o futebol, suscitou incômodo na sociedade a ponto de surgir o Decreto-Lei Nº 3.199 que em seu art. 44 afirmava: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]” (BRASIL, 1941). Essa vedação decorreu de pareceres médicos que alegavam que as capacidades pro criativas das mulheres estavam em risco no campo de futebol, logo deveriam ser preservadas (MIGUEL; RIAL, 2012).

Se não bastasse se apropriar do corpo das mulheres, eles ainda apoderam-se do intelecto. Para a sustentação do poder as mulheres não são permitidas qualquer tipo de leitura ou acesso à educação (exceto tias). Para Gilead as mulheres eram tão insignificantes que nem poderiam corroborar seus pensamentos. No episódio 13 da segunda temporada Serena Joy, a esposa de comandante Fred Waterford, após

a execução da jovem Eden vai junto com as esposas dos comandantes, ao congresso em uma reunião do conselho, reivindicar que meninas possam ter acesso à educação. Ao ver o pedido ser negado como forma de protesto, ela retira uma bíblia que mantinha em segredo e começa a ler, como forma de puni-la por tal ato Serena Joy tem um dedo de sua mão mutilado.

A exclusão de mulheres ao direito a educação sempre foi algo recorrente durante toda a história da humanidade. Em outubro de 2012 a jovem paquistanesa Malala Yousafzai foi baleada na cabeça por talibãs ao sair da escola. Isso ocorreu porque o líder talibã que dominava o local decidiu interromper as aulas dadas para meninas. A jovem se manifestou sobre a proibição dos estudos criando um blog chamado “Diário de uma Estudante Paquistanesa” e dando entrevistas para programas de TVs e jornais. Os criminosos justificaram o atentado alegando que a menina era uma ameaça contra o Islã. Malala passou por uma cirurgia e foi transferida para hospitais do Reino Unido, desde então se engajou na luta pelo direito a educação das mulheres, se tornando assim a pessoa mais jovem a ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

Percebe-se que a violência incorporada nesse sistema social, coloca as mulheres em uma posição de subordinação aos homens. Isso também ocorre nos dias atuais com apoio de discursos religiosos e da população conservadora. De acordo com Mena (2016), um terço dos brasileiros considera que as mulheres têm culpa pelos estupros ocorridos. Na pesquisa encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), os dados apontam que 32 % das mulheres e 42% dos homens acreditam que “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas.” enquanto 51% dos homens e 63% das mulheres discordam.

No livro, Janine, uma das personagens ao relatar ter sido estuprada é indagada por uma tia com o seguinte questionamento “*E de quem foi à culpa?*”, as aias ao redor a culpabilizam:

Mas de quem foi à culpa? Diz tia Helena, levantando um dedo roliço. Dela, foi dela, foi dela, foi dela, entoamos em uníssono. Quem os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco. Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu. Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse? Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição.
Para lhe ensinar uma lição. (ATWOOD, 2017 p. 88).

Durante a realização do presente trabalho, dois casos de estupro ganharam repercussão nacional. De acordo com a matéria publicada pelo G1 Pernambuco e

G1 Espírito Santo em 2020, uma menina de 10 anos que engravidou após ser abusada do tio. A gravidez foi descoberta após a criança procurar um hospital com fortes dores abdominais. A criança relatou que os abusos começaram por volta dos 06 anos de idade e que nunca denunciou porque era constantemente ameaçada. Diante dos fatos a vítima é amparada pela justiça para a realização de um procedimento de interrupção da gravidez. Com autorização judicial do Espírito Santo o procedimento foi realizado em um hospital de referência em Pernambuco. Antes da realização da técnica manifestante ligados a religiões protestaram em frente ao hospital com insultos a equipe médica e a criança.

O segundo caso, conforme apresentado por Alves (2020), foi da influencer digital Mariana Ferrer que trabalhava divulgando festas em suas redes sociais. Durante um evento no beach club Café de la Musique na cidade de Florianópolis a jovem que na época tinha 21 anos, acredita que na noite de 15 de dezembro de 2018, foi dopada e em seguida estuprada pelo empresário André Camargo de Aranha em uma sala privada na boate de luxo. Nos exames a perícia encontrou sangue, sinais de rompimento do hímen e sêmen. Ainda foram encontrados vídeos que demonstram Mariana atordoada subindo uma escada com o empresário. No primeiro depoimento, ocorrido em maio de 2019 André negou qualquer tipo de contato com a influencer, porém no ano seguinte em novo depoimento ele afirmou ter feito sexo oral nela, mudando assim a versão. O processo ocorreu em segredo de justiça, e levou o caso ao público em suas redes sociais, buscando apoio de seguidores para que houvesse uma quebra do sigilo processual, alegando a Polícia Civil de omissão e de proteger a identidade do réu já que se trata de alguém importante para a sociedade. A vítima ainda teve seu perfil no Instagram excluído após as denúncias.

Durante o julgamento a defesa do empresário apresentou fotos sensuais de Mariana, declarando que até mesmo a virgindade dela e os comportamentos nas redes sociais seriam para que os fatos fossem manipulados. O promotor do caso alega que não seria possível o réu conseguir identificar se a vítima estaria em plena capacidade para consentir que o ato sexual ocorresse, desqualificando assim o crime de estupro de vulnerável. Sendo assim o crime seria uma espécie de “Estupro Culposo” quando não há intenção de estuprar.

Diante das análises tecidas até então, fica explícita a contradição latente entre o que é previsto pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e o cenário aviltante identificado em todo o mundo. Imperam violações de direitos configuram-

se em atrocidades contra a existência e a vida humana. Realidades muito díspares que de fato permeiam o cotidiano das relações e reafirmam a importância da luta em prol da reconstrução de possibilidades humanas, dignas e compatível com a vivência coletiva dos direitos humanos.

5 CONCLUSÃO

Os direitos humanos são universais, isto é, previstos para todas as pessoas. No entanto violações e atrocidades na garantia da universalidade dos direitos humanos legitimam a estratificação das minorias, dentre elas, as mulheres, ênfase da discussão aqui tecida. Diante disso permanece o questionamento: Onde fica a universalidade dos direitos que deveriam estar disponíveis para o acesso de todos? É preciso mesmo lutar para que esses direitos estejam disponíveis? Há um ciclo intermitente de reprodução das violações de direitos que precisa ser rompido. É papel de cada um e de todos a manutenção do compromisso com esta reconfiguração social.

A psicologia enquanto ciência e profissão têm o compromisso ético, profissional, social e político de lutar em prol das minorias, sendo as mulheres uma possível estratificação delas. A literatura e os recursos televisivos cumprem o seu papel social ao trazer a tona discussões relevantes para a o tecido social. Faz-se necessária uma compreensão da sociedade de que o papel da mulher não é cuidando do marido, dos filhos e do lar. As mulheres cada vez mais buscam e lutam pelos seus direitos, ganham e consolidam seus espaços na sociedade. Os fatos apresentados na série televisiva se tratam de uma ficção, mas é de suma importância manter o alerta para que a ficção não se transforme em realidade, pois nos dias atuais existem traços que não podem ser desconsiderados. A luta por direitos das mulheres nunca foi fácil e precisa se manter ainda mais forte e incansável no atual momento histórico. Através dessa reflexão busca-se assegurar esses direitos para o presente e o futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Schirlei. **Julgamento de influencer mariana ferrer termina com sentença inédita de ‘estupro culposo’ e advogado humilhando jovem.** 2020. Disponível

em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2019.

BRASIL. Constituição (1941). **Decreto nº 3199, de 14 de abril de 1941. Decreto**. Rio de Janeiro, 1941, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm#:~:text=Estabelece%20as%20bases%20de%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20desportos%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs.&text=R%20REGIONAIS%20DE%20DESPORTOS-,Art.,desportos%20em%20todo%20o%20pa%C3%ADs.. Acesso em: 25 mar. 2020.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, Brasília, Distrito Federal, 2005.

GÊNESIS. **Bíblia Sagrada**. Traduzida por, João Ferreira Almeida. São Paulo Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

HERRERA FLORES, Joaquin. **Teoria crítica dos direitos humanos: os direitos humanos como produtos culturais**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

LIMA, Gigliola Marcos Bernardo de et al. O sagrado feminino: histórias de luta e luto. **Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança**, João Pessoa, v. 1, n. 12, p. 79-88, Jun. 2014. Disponível em: <http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/O-sagrado-feminino.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. "Programa de Mulher". In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. pp. 148-168.

NEMA, Fernanda. **Menina de 10 anos estuprada pelo tio no Espírito Santo tem gravidez interrompida**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/17/menina-de-10-anos-estuprada-pelo-tio-no-es-tem-gravidez-interrompida.ghtml>. Acesso em: 01 dez. 2020.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. Introdução: História, História das mulheres, História de gênero. Produção e transmissão do conhecimento Histórico. **Ex aequo**, Lisboa, n. 30, p. 09-21, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2019.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres.** (Tradução de Vera Ribeiro), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.